



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	A política externa de Mali, Níger e Chade frente a nova presença francesa no norte da África e o cenário de instabilidade regional
Autor	WILLIAN MORAES ROBERTO
Orientador	PAULO GILBERTO F VISENTINI

Título do trabalho: A política externa de Mali, Níger e Chade frente a nova presença francesa no norte da África e o cenário de instabilidade regional

Autor: Willian Moraes Roberto

Orientador: Prof. Paulo Gilberto Fagundes Visentini

Instituição de Origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT) e o Centro Brasileiro de Estudos Africanos (CEBRAFRICA), ambos vinculados à UFRGS, após pesquisar a presença de potências extracontinentais na África, têm agora como objetivo compreender as relações entre os Estados africanos com a pesquisa “Formação e desenvolvimento do sistema interafricano de relações internacionais (1957-2015)”. O foco das análises são as políticas externas dos países africanos no período supracitado, buscando definir o posicionamento de cada país em relação aos outros Estados africanos, e também aos processos de integração na África e mesmo diante do Sistema Internacional.

A metodologia utilizada na pesquisa consiste em revisão bibliográfica da historiografia de cada país, bem como de sua política externa em perspectiva também histórica. No que tange o período mais contemporâneo, é buscado através da leitura de artigos, livros especializados, notícias e outras fontes primárias identificar traços da atual política externa de cada Estado. Traçam-se assim os pilares básicos da conduta externa do Estado em questão, analisando qual o tipo de sua inserção internacional. Aspectos estruturais do país também são indicados, bem como ideias da teoria de Análise de Política Externa, onde é necessário que se analise condicionantes internos para a política externa, bem como condicionantes externos para a política interna – demonstrando a via de mão dupla que existe entre a esfera interna e externa, em constante sobreposição uma sobre a outra.

O presente trabalho insere-se dentro desta pesquisa, procurando identificar a postura de países selecionados do Sahel frente à França em um momento no qual a região passa por problemas de instabilidade profundos. O contexto regional é marcado pelas crises no Mali (2013) e na Líbia (2011 e 2014) e o crescimento do Boko Haram na Nigéria. Diante da ameaça da regionalização de grupos terroristas neste território, diversos são os atores que buscam encontrar soluções para a presente situação: a União Africana, como organização continental, os países da região, e potências extrarregionais – principalmente a França, que tem historicamente laços profundos com o território. Dos países do Sahel, alguns destacam-se pela atual tendência de procurar a resolução para os problemas regionais via cooperação com a França, nominalmente Chade, Níger e Mali. Em agosto de 2014, Paris deu início à Operação Barkhane, que consiste em uma força militar regional no Mali, Chade e Níger em consonância com forças na Mauritânia e Burkina Faso. O objetivo francês seria criar capacidades regionais para atacar o problema da regionalização dos grupos jihadistas – presentes no Mali, Líbia e Nigéria.

Diante disso, este trabalho objetiva analisar a política externa de Chade, Níger e Mali frente à França e diante das crises regionais, procurando (i) identificar o peso do apoio destes países para criar legitimidade nas ações francesas; (ii) qual a extensão e o impacto da nova presença francesa no Sahel; e (iii) em que medida essas novas investidas de Paris vão contra o objetivo da União Africana de resolver seus problemas securitários de forma autônoma. Como hipóteses, tem-se que (i) o fato de Mali, Chade e Níger apoiarem a operação francesa e cederem bases à Paris cria argumentos para que o país atue no Sahel; (ii) o uso de bases militares nos três países cria possibilidades da França atuar nas crises regionais militarmente, mas aprofunda a divisão entre países a favor e contra envolvimento de potências extrarregionais no continente; e (iii) as ações da França representam uma apropriação da responsabilidade de deter problemas securitários africanos por parte de Paris e podem mascarar interesses próprios franceses, não necessariamente condizentes com as necessidades securitárias regionais, além de suscitar o debate sobre o desenvolvimento e efetividade de capacidades próprias da União Africana.